Anno XIV. Quarta feira 10 de abril de 1839. N.° 80.

JORNAL DO COMMERCIO.

Rio de Janeiro. Impresso no prélo mechanico da typographia imperial e constitucional de J. Villeneuve e Comp.

ADVERTENCIA.

O JORNAL DO COMMERCIO se publica diariamente; o preço da assignatura he de 16$000 Rs. por anno; folha avulsa 160 Rs.

Os annuncios e avisos publicão-se no *Jornal do Commercio*, a razão de 80 Rs. por cada linha.

Todas as correspondencias, artigos communicados e reclamações, vindos das provincias, devem ser dirigidos aos editores, em cartas *francas* de porte.

O *Jornal do Commercio* publica todos os sabbados huma revista commercial, os preços correntes dos generos de importação e exportação, o resumo das fazendas importadas e exportadas, a lista das embarcações estrangeiras surtas no porto, etc.

PARTIDAS DOS CORREIOS.

Ouro Preto, S. João d'El-Rei, Valença, Vassouras, Parahyba, Iguassú, Freg. do Paty do Alferes: 1, 6, 11, 16, 21 e 26.

S. Paulo, Itaguahy, S. João do Principe, Rezende, Baependy, Campanha, Pouso Alegre, Freg. do Pouso Alto, Pirahy, Arrozal, Angra dos Reis, Paraty, Mangaratiba, Freg. de Mambucaba: 2, 7, 12, 17, 22 e 27.

Campos de Goitacazes, Macahé, S. João da Barra, Maricá, Aldêa de S. Pedro, Cidade de Cabo Frio: 3, 8, 13, 18, 23 e 28.

Cantagallo, Nova Friburgo, Magé, Santo Antonio de Sá, S. João de Itaborahy, Freg. de S. Bernabé e Santa Anna: 2, 12 e 22

Nitherohy: todos os dias.

EFEMERIDES E METEOROLOGIA.

☾ Minguante a 7, á 1 h., 40 m. e 5 seg. da manhã.
● Nova a 13, ás 8 h., 24 m. e 47 seg. da tarde.
☽ Crescente a 20, ás 2 h., 0 m. e 7 seg. da tarde.
○ Cheia a 28, ás 4 h., 31 m. e 29 seg. da tarde.

9 de abril.

Thermometro Fah. 79°, 82°, 82°.
» Resum 20° 8/9, 22° 1/4, 22° 1/4.
Ventos. De manhã, N. bonança.
De tarde, E.-S.-E.
Tempo claro, mar chão.

10 de abril.

Nasc. do sol, 6 horas e 13 min.
Occ. do sol, 5 horas e 47 min.
Maré cheia, de M., 11 h. 45 m., de T., 0 h. 9 m.

CAMBIOS NO DIA 9 DE ABRIL.

As 3 horas da tarde.

Londres	29 1/2
Paris	330
Hamburgo	693
Ouro em barras	
Dobrões hespanhóes	30$800 a 31$000
» da patria	30$800 a 31$000
Pesos Hespanhóes	1$820 a 1$830
» da Patria	1$800 a 1$810
Moedas de 6$400 velhas	15$750 a 15$800
» » novas	14$800
» de 4$000	8$000 a 8$050
Prata	88 a 89
Apolices de 6 por cento juro	78 1/2 a 79
» 5 »	nominal.
Acções da Comp. dos Paq. de vapor.	
» » Nitherohy	
» » dos Omnibus	
» » Monte Soccorro	
» » Banco	

EXTERIOR.

REPUBLICA ORIENTAL.

Montevidéo, 17 de março.

A republica oriental acaba de declarar a guerra ao verdugo do povo argentino, e seus protervos satellites. Hoje ao meio dia teve lugar este acto solemne, com hum enthusiasmo pouco commum.

A praça maior foi o primeiro ponto onde se publicou a solemne declaração de guerra, feita pela republica oriental ao tyranno João Manoel Rosas e áquelles que o sustentão, sendo seguida de mil vivas á republica, á liberdade americana, e morras ao verdugo do illustre povo argentino. Depois seguio o bando para o molhe e successivamente para o forte e capella da caridade, percorrendo todas as ruas da capital, acompanhado de immenso concurso; dominando todos os espiritos, ardendo em todas as almas aquelle fogo sagrado que produz o santo amor da liberdade, e atroando o ar a cada passo vivas enthusiastas á revolução, aos heroes e ao estandarte de maio; ao presidente da republica, ao valente exercito que commanda, ao governador e provincia de Corrientes, ao povo argentino e aos seus bravos generaes, inimigos do tyranno que o escarnece; em huma palavra, á união e á liberdade que vão pelejar e morrer, se tanto fôr necessario.

Os estandartes oriental, argentino e francez, ião precedendo o numeroso concurso, acompanhados de huma musica brilhante e venerados por hum povo livre, ligado a elles para conquistar a liberdade de huma nação irmã, vingar a honra de ambas, e assegurar a sua propria independencia. Voltando á praça maior, o povo reunido entôou o hymno de maio, aquelle que em 1818 cantárão os filhos da liberdade da America do sul, marchando ao combate e á gloria, e o mesmo que, praza aos céos! possamos entoar no proximo mez de maio, entre abraços fraternaes, em Buenos-Aires, como prova de que cabio para sempre a tyrannia. (*Constitucional.*)

— Huma carta do exercito, com data de 8, diz que a expedição estava já prompta para marchar, e que por toda a semana abriria a campanha. O céo proteja essa massa de bravos que vai combater por huma causa sagrada, e seja o premio de seus sacrificios o triumpho da liberdade e a consolidação da paz. (*Idem.*)

— 18 de março.

Pesava sobre os agentes da nação franceza, residentes nesta capital, o dever de contestar os fundamentos do protesto que o Sr. D. Manoel Oribe fez contra elles; e somos informados que se dispoem elles a preencher essa obrigação, publicando hum contra-manifesto, acompanhado de documentos authenticos que justificarão completamente o procedimento dos senhores agentes. Logo que veja a luz, emittiremos sobre elle nossa humilde opinião. (*Idem.*)

MISCELLANEA.

Retrato do hypocrita por Molière. — *Alexandre.....* Contou-se jámais a alguem semelhante extravagancia! Que o haja hum homem infeitiçado de tal sorte, que de tudo se esqueça por amor delle! Que depois de vir á sua casa limpar-se da carepa, chegue v. m. a estado...

Ambrosio. — Alto, meu cunhado, v. m. não sabe de quem falla.

Alexandre. — Não saberei, visto v. m. quere-lo assim; mas, em fim, para se saber que casta de homem he...

Ambrosio. — Mano, quanto folgaria v. m. de conhecê-lo! Não faria então fim de maravilhar-se. He hum homem... que... oh... he hum homem, emfim, que com o seu exemplo acredita bem o que ensina, que goza huma paz de consciencia inalteravel, que olha para todo este mundo com desprezo. Sim, senhor, estou inteiramente outro, depois que o communiquei. Ensina-me a perder a affeição a tudo, despega-me o animo de quantas amizades ha. Veria com olhos enxutos e desapaixonados morrer irmãos, filhos, mãi e consorte...

Alexandre. — Guapos sentimentos de humanidade!

Ambrosio. — Se soubera a maneira porque o vim a conhecer, havia entranhar-se tanto na sua amizade, como eu. Era todos os dias infallivel na igreja, ajoelhava diante de mim com ambos os joelhos, tão modesto e recolhido, que levava os olhos de toda a gente a reparar no calor com que dirigia ao céo as suas orações, e nos ardentes suspiros que arrancava do peito. A cada instante beijava a terra com muita humildade; e tanto que eu me erguia para sahir, já se antecipava a ir á porta dar-me agua benta. Avisava-me o seu criado (que em tudo o imitava), tanto da sua pobreza, como da sua qualidade. Dava-lhe minhas esmolas; mas elle com modestia me queria sempre restituir boa parte dellas. *Tome v. m.*, me dizia elle, *basta-me metade, eu nem mereço que se compadeça de mim.* E como eu insistia em não lh'o aceitar, logo á minha vista o repartia pelos pobres. Entre as nossas conferencias, se me chorou de que, por ser desvalido, não cumpria o desejo de se recolher á companhia: empenhei-me com os padres; aceitárão-no; e agora consegui que o deixassem vir assistir comigo huns poucos de tempos a esta quinta; e talvez fique de todo em casa, para me aproveitar da santa doutrina que lá aprendeu. Emfim, o céo m'o deparou, e m'o quiz metter em casa, e desde então me parece que tudo nella vai medrando. Eu vejo que nada ha que elle não reprehenda: ainda minha mulher (tanto desvela a minha honra), se alguem a galantêa, diz-m'o, e se mostra ainda nisso muito mais zeloso que eu: não póde imaginar quanto o seu zelo sobe de ponto: julga em si peccado a minima bagatela, hum atomo basta para o escandalisar: chegou est'outro dia a confessar-sé de huma pulga que apanhára estando orando, e de a ter morto mais agastado.

Alexandre. — V. m., mano, perdeu o juizo: eu entendo que com taes historias faz de mim pateta! E que vem v. m. a tirar de todas essas macaquices?

Ambrosio. — Esse fallar assim, mano, dá ressabios de libertino; essa alma anda muito relaxada: e, segundo lhe eu tenho pregado muitas vezes, ha de se metter em alguma de que se não ha de sahir bem.

Alexandre. — Esse he o couto para onde todos v. m. fogem: querem que sejamos cegos, e o ver sem peneiras he ser libertino: quem não adora essas santas monarias não tem fé nem respeito ás cousas sagradas: vá, que todo o seu dizer me não assombra; eu sei como discorro: Deos vê o meu coração; não quero ser escravo da superstição. Assim como ha valentes de lingua, assim ha santos de bioco; e como não vemos que aquelles saião a campo, senão em pontos de honra, quem menos nos atroa he quem, na verdade, he valente; assim os bons e verdadeiros devotos, cujas pizadas devemos seguir, não são os que fazem mais trejeitos. Como assim! v. m. não distingue a devoção da hypocrisia? Mede pelos mesmos flos e trata com igual respeito a mascara que o rosto? Equipára o ardil á singeleza? Confunde a apparencia com a verdade? Preza tanto a sombra como a pessoa? Conta a moeda falsa com a de lei? Os homens, pela maior parte, tem entre si modos estranhos, nunca se moldão com a natureza, achão as raias da razão muito acanhadas, cada hum passa balizas e caracteres das causas, e ainda as mais nobres estragão pelas demaziar e estender muito. Isto, mano, digo-lh'o casualmente e por conversarmos.

Ambrosio. — Sim, senhor, eu tenho a v. m. por hum doutor de muito nome, a que se acolheu todo o saber do mundo; só v. m. he que sabe e tem juizo; he hum texto, he hum Catão das nossas éras, e, á vista de v. m., todos os mais são tolos.

Alexandre. — Não, mano, eu não sou lá nenhum doutor de nome, nem a mim se acolheu todo o saber; antes toda a minha sciencia se limita a differençar a verdade do fingimento: e assim como não ha classe de heróes mais dignos da nossa estima que os verdadeiros devotos, e nada ha no mundo mais nobre, nem mais gentil, que huma fervorosa santidade e hum zelo verdadeiro, assim nada vejo que seja mais abominavel que o exterior affectado de hum zelo farizaico. Estes charlatões espirituaes, estes papa-santos, cujas visagens factilegas e enganadoras abusão a seu salvo, zombão a seu sabor do que ha mais santo e mais sagrado entre os mortaes; estes homens, que com a alma afferrada ao interesse, são devotos por grangearia, e querem mercadejar nome e dignidades, a preço de cabeças tortas e affectados fervores de espirito; estes homens, digo eu, que por ahi vemos com passos agigantados correr pela estrada do céo em busca de honras mundanas; que em chammas de zelo, e manhosa ambição, pedem por officio e prégão solidão no centro da côrte; que accomodão no coração o seu zelo com os seus vicios, são ardentes, vingativos, traiçoeiros, embusteiros, e para arruinarem hum homem sabem, insolentes, com a capa do interesse de Deos recatar o seu orgulhoso resentimento, tanto mais para temer nos seus rancores, porque elles vibrão contra nós armas sagradas, e a sua paixão, de todos favoneada, nos quer assassinar com o ferro da religião. Tudo anda minado destes beatos da moda; mas, os beatos verdadeiros são faceis de conhecer: este seculo manifesta bastantes, que nos podem servir de gloriosos exemplares. Quantos pudéra eu contar, a quem ninguem nega este justo titulo? E mais, nenhum delles capricha de virtude. Não se vê nelles aquelle refinado e insupportavel orgulho, antes, a sua devoção he affavel e mansa; não censurão todas as nossas acções; tem por grande soberba estranhar tudo; e deixando aos outros o desabrimento de palavras, reprehendem os nossos vicios com as suas virtudes; não fazem firmeza na apparencia do mal, e a sua consciencia sempre se inclina a julgar o melhor; fogem de trapaças e enredos, e quantos cuidados os desvelão, são para viverem ajustados; nunca contra hum pobre peccador se desenfreião, contra o peccado sim; nem com zelo sobejo pugnão pelo interesse do céo, mais do que elle requer: com esta gente me quero eu: isto he que he ser devoto, e este o exemplar para nos regrarmos. O seu Tartufo, a fallar a verdade, não he desta laia, e por mais que v. m. se cance em lhe apregoar o zelo, he falso todo o brilhante com que o tem deslumbrado. — *Manoel de Souza.*

Voltaire. *Opinião de Goëthe.* — O afamado Goëthe, conhecido por tantas obras do maior merecimento, collocou-se á frente dos admiradores de Voltaire. A homenagem desta admiração, depositada em todos os seus escritos, apparece com novo brilho naquelle que foi publicado pelos Srs. Saur e de St. Geniès. O seguinte fragmento pinta com toda a verdade o gigante da litteratura.

« Quando huma familia tornou-se notavel durante muitas gerações, por diversos merecimentos, acaba ás vezes por produzir, no numero dos seus descendentes, hum individuo que reune os defeitos e as qualidades de todos os seus antepassados, de fórma que elle, por si só, representa toda a sua familia. O mesmo acontece com os povos de fama: a mór parte delles vio surgir do seu seio homens, cuja physionomia he toda nacional, como se a natureza os houvesse destinado a servir de modelo. Virão-se em França dous exemplos memoraveis desta especie de phenomeno moral.

« A natureza creou para admiração do mundo, e gloria da familia dos Bourbons, Luiz XIV, o homem soberano, o typo dos monarchas, o rei o mais verdadeiramente rei de todos quantos tem cingido a corôa.

« Produzio em Voltaire o homem dotado em mais subido gráo de todas as qualidades que caracterisão e honrão a sua nação, e o encarregou de representar a França perante o Universo.

« Depois de haver dado á luz esses dous homens estupendos, typos, hum da magestade real, outro do genio litterario, descançou a natureza, como querendo dar tempo a que fosse appreciada a sua obra, ou esgotada talvez por dous prodigios.

« He preciso que hum homem possua muitos predicados para que a opinião reconheça nelle o caracter da superioridade, superioridade tanto mais incontestavel, que nenhum homem de nação alguma lhe póde razoavelmente ser igualado.

« Profundez, genio, imaginação, gosto, razão, sensibilidade, philosophia, elevação, originalidade natural, espirito, facilidade, flexibilidade, justeza, fineza, abundancia, variedade, fecundidade, calor, magia, encanto, graça, força, olhar de aguia, vasto entendimento, rica instrucção, bom tom, urbanidade, vivacidade, delicadeza, correcção, pureza, clareza, pathetico, eloquencia, sublimidade, universalidade, perfeição; emfim, eis Voltaire.

« Voltaire será sempre tido como o maior homem em litteratura de todos os seculos. » (*Miroir.*)

A dança de S. Gonçalo. — S. Gonçalo de Amarante foi paroco, e consta da antiguissima tradição que era grande promotor de casamentos. Daqui a fervorosa devoção das solteiras com o milagroso S. Gonçalo; daqui a bem conhecida dança em louvor deste santo. As moças, e ás vezes velhuscas, que já estão em ponto de ficar (que já contão seus 30), parecem loucas com a festança de S. Gonçalo. Ha ordinariamente huma bandeirinha, onde está pintada a imagem do santo, e, além disto, outra de madeira tambem entra no fandango. A bandeira e a imagem andão em hum corropio; ora nas mãos, ora na cabeça desta e daquella. Sôa o estrepitoso zabumba, retinem os garridos maracaz, acompanhando as cantilenas, que dizem: — *Viva e reviva S. Gonçalinho, — Dai-me, meu santo, hum bom maridinho — Este Santo me põe douda. etc.*; e assim o parece; porque na tal dança ellas saracoteão as ancas, remexem-se, saltão, pulão, e fazem cousas de cabeça, tudo para maior honra de Deos e louvor de S. Gonçalo. Entre muitas dessas cantigas, já ouvi huma em que, entre as prendas de hum bom marido, dizia:

« Seja bonitinho,
« E queira-nos bem;
« Aquillo que he nosso
« Não dê a ninguem. »

Os manembros, os *calafatinhos*, os gamenhos de todo o calibre torneão o saráo, e estão como peixes n'agua, e com os olhos pendurados dos remexidos das dançarinas. Em certo lugar de passar festa houve, este anno, grande S. Gonçalo. As senhoritas sahirão com salvas a pedir esmolas para a festança, levando, huma o cajado, outra o resplandor do santo, etc. Na roda dos machacazes, qualquer dellas beijava essas reliquias, e dizia, para hum dos maganos: « Pague, Sr. F., pague já o beijo »: e chovião nas salvas os patacões, e até peças. Tudo póde huma fervorosa devoção! Tudo he innocencia, quando se poem os olhos em cousas celestiaes! S. Gonçalo queira aceitar essas sinceridades, e boas danças em seu louvor, e rogar a Deos que dê bons maridos a quem por elles tanto suspira. Ao ler isto, qualquer solteira ou viuva dirá logo: — Eu não, eu não: de sorte que nenhuma quer marido. Querelo-ha o *Carapucciro?*

(*Carapuceiro.*)

As constipações. — O nosso Pernambuco, que sempre foi tido por huma das cidades mais saudaveis do Brazil, hoje parece haver-se tornado a habitação das constipações; e passo a dizer porque. Vou ahi por essas ruas, e rara he a casa em cuja sacada não veja hum *joven* de charuto na boca, e de chapéo na cabeça: e perguntando a causa disto, respondem-me bons entendedores e contrastes da materia, que he esse hum uso britannico, e mui conveniente para evitar as constipações; porque bem se vê, que quem está em sua casa trabalha de machado, fatiga-se, e sua, e conseguintemente está mui exposto a constipações, e destas engendrão-se innumeras enfermidades. Nossos pais e avós, ou erão *inconstipaveis*, e ou nessas eras não se conhecia tal molestia; por quanto, chegavão ás varandas descobertos, e entendião ser grossaria e rustiqueza o pôr dentro de casa chapéo na cabeça. Mas, hoje (graças ao progresso das luzes), somos humas esponjas de constipações, e porisso forçoso nos he trazermos chapéos em casa: além de que, o que diria o mundo, se trazendo os Inglezes os chapéos grudados nas cabeças, de maneira que parece que até dormem com elles, nós deixassemos de os macaquear? E que linda cousa não he hum joven á varanda com o seu chapéo na cabeça, com hum enorme archote ao canto da bocca, assim por modo de quem não faz caso de ninguem! He huma caricatura, e não há constipação que lhe penetre. Viva o nosso progresso! (*Id.*)

Justiça prompta. — O barco movido a vapor, *Principe de Metternich*, entrou ha pouco em Constantinopla, vindo de Trebisonda. Quinze dias antes, tinha-se declarado peste a bordo, tinha morrido della hum passageiro persa, e achavão-se enfermos o terceiro commandante e dous outros passageiros. Ao chegar a Constantinopla, disse o capitão aos viajantes, e aos homens que compunhão a tripulação, que era forçoso observar as leis da quarentena. Esta ordem desagradou a alguns Persas, que se achavão entre os passageiros, e dous delles se lançárão ao mar, e chegárão a terra nadando. Mal tinhão os homens posto pé na praia, e já estavão presos e na presença do magistrado competente. Este lhes fez apenas as tres perguntas que se seguem: Vinheis a bordo do vapor chegado ultimamente de Trebisonda? — Sim. Saltastes ao mar e viestes a terra nadando? — Sim. Reconheceis que infringistes as leis sanitarias deste paiz? — Sim. Terminado este curto interrogatorio, o juiz fez hum sinal com a mão: os soldados trouxerão os dous criminosos para o pateo do edificio, e ahi os espingardeárão, sem mais fórma de processo. (*Pobres no Porto.*)

FOLHETIM.

A MÃI IRMÃ,

HISTORIA CONTEMPORANEA.

Alzira tinha dezeseis annos: não era huma dessas physionomias que tanta bulha fazem nos romances que nos vem da velha Europa: era cá da America, e era bella quanto podia ser: não tinha essa côr de leite, que tanta gente faz enthusiasmar, mas tinha hum moreno agradavel, proprio dos tropicos; suas faces não erão de carmim, mas de hum pallido tocante, que convidava todas as affeições; seus olhos não erão azues como o céo do meio-dia, mas erão negros como o azeviche; não tinhão a vivesa dos olhos hespanhóes, mas tinhão huma languidez encantadora, que parecia annunciar continuado soffrimento, e implorar protecção a quantos os olhavão; e a protecção lhes não podia ser negada: seus cabellos não erão da côr do ouro, não lhe cahião em anneis sobre hombros jaspeados, mas erão finos, mui lisos, em muita quantidade, e mais pretos e luzidos que o preto ebano; sua estatura era antes baixa que alta; sua cintura podia ser apertada com as duas mãos; seus dentes erão dous fios das mais iguaes e claras perolas do Oriente; sua perna parecia feita a torno; seu pé era o mais delicado. Alzira era o que com tanta propriedade chamamos huma feiticeira, porque com effeito ella e outras como ella enfeitição todos aquelles que tem a desgraça.... não: a ventura de os ver.

Alzira era filha unica de hum militar, que commandava hum dos regimentos desta côrte, abastado em cabedaes, homem de brio e toda a prova, e que se ufanava de, em toda a sua vida, não ter que reprehender-se de huma só fraqueza; filho e neto de militares, ao mesmo tempo que generoso, franco e virtuoso, dotado de toda a dureza propria da sua profissão; lamentando a todas as horas não ter hum filho que podesse instruir na vida militar, e deixar em seu lugar, como já elle ficára no de seu pai, e este no de seu avô; mas, querendo remediar esta falta, casando sua filha com hum militar.

A mãi de Alzira era ao contrario a propria bondade; apenas com o dobro da idade de sua filha, e dous terços da de seu marido, tratava aquella como a sua mais intima amiga, sem que hum só segredo tivesse para ella: sua filha era o objecto exclusivo de suas affeições. Mas, tanto como a sua filha amava a seu marido, porque o coração de huma mulher he incomprehensivel em suas affeições: pai, mãi, marido, filhos, ama a cada hum mais que a todos, e a todos mais que a cada hum; a cada hum dá todo o seu amor, e o seu amor he todo dado a todos: mysterio que ninguem póde definir, e que só a natureza com toda a sua sabedoria podia crear. A mãi de Alzira amava a seu marido tanto como a sua filha, mas o seu amor era hum amor respeitoso, o que provinha tanto do caracter particular delle, como da differença da idade.

Tinha a mãi de Alzira hum irmão, dos primeiros negociantes da côrte, igualmente casado, cuja mulher vivia em huma chacara, onde as duas ião passar muitos dias no anno, e sobre tudo jantar todos os domingos. Entre outros caixeiros, tinha este negociante hum guarda-livros, de idade de vinte e cinco annos, que ás perfeições physicas juntava todas as moraes; moço verdadeiramente perigoso, se sua educação e principios o não tornassem reflectido sobre seu viver. Entretanto, tinha hum defeito: defeito, he verdade, em que nem elle nem ninguem tinha culpa, mas que nem por isso deixava de ser defeito: era pobre, vivendo apenas de seus ordenados. Este defeito era para todos: quem o negará? para o pai de Alzira ainda tinha outro: e era não ser militar.

Narciso, era este o nome do guarda-livros, apesar de todos os seus principios e de toda a sua reserva, não póde deixar de ficar captivo de Alzira. Está isso nas mãos de alguem? quem he esse que governa o seu coração? a razão póde muito, mas o coração póde mais que a razão: amor não he crime; mas, não se attribuão a amor crimes em que elle não tem a menor parte: paixões vis não são amor.

Alzira vio Narciso a principio com bastante indifferença; mas o amor delle não lhe foi por muito tempo occulto; conhecia o seu valor, e em breve pagou amor com amor. Este negocio seguio o caminho de todos os de identica natureza: attenções, olhares, pequeninos serviços prestados entre a mais numerosa companhia, que para os mais são indifferentes, mas que tanto valor tem para os amantes; duas palavrinhas ditas em segredo, e respondidas com hum sorriso. Tempo ditoso he este! em que hum dedo de huma luva tocado produz hum choque electrico em todo o corpo, faz voar o entendimento nos espaços imaginarios, e ahi construir castellos, cujo unico defeito he não terem realidade! Vós, que vos achais hoje presos nas cadêas de hymeneo, dizei quanto dareis por fazer reviver hum só momento desses. E vós, que ainda hoje espiais os passos de alguma bella, dizei se podeis conceber maior ventura do que estardes ao lado de vossas amadas, sem lhes dizerdes huma só palavra, e sem que ellas huma só palavra vos digão.

Alzira e Narciso conhecião as difficuldades que havia para sua união: conhecião os projectos do velho militar, e que era elle inflexivel: e, apesar disso, tinhão esperança, porque a esperança he a companheira inseparavel do amor.

Por mais cuidado que tivessem ambos, seus sentimentos forão descobertos por aquelles mesmos que elles tinhão mais interesse em que os ignorassem. O resultado desta descoberta foi que, depois de longa conferencia entre os dous cunhados, foi chamado Narciso á presença de seu amo, o qual lhe communicou que, necessitando seu sobrinho commercio na Asia de hum agente seguro que ali o dirigisse, fora feita escolha delle para esse fim, pelo que, lhe propunha hum interesse na sua casa, se quizesse partir em a primeira embarcação.

— Dou-vos oito dias, continuou, para me dardes a resposta; mas, tomai bem sentido nos motivos que vos vão dirigir: vossa sorte depende do passo que ides dar. E para melhor poderdes resolver, lembrai-vos que o Rio de Janeiro ainda tem huma policia activa e vigilante, que não consente que viva em continuados sustos huma familia aliás respeitavel.

Estas palavras fizerão conhecer a Narciso a necessidade de sua posição: oito dias se desolou, escreveu cartas as mais apaixonadas, recebeu respostas as mais ternas; mas o oitavo dia chegou: huma resposta era necessaria, e não era possivel que fosse negativa: era melhor ir por vontade e com vantagem, do que á força e desgraçado.

Em quanto se fazião os preparativos da viagem, julgou-se prudente que fosse Alzira para a chacara de seu tio. Mas, como partiria Narciso sem se despedir della? sem lhe dizer talvez o ultimo adeos? sem lhe jurar fé e constancia eterna? sem ouvir de sua boca a sorte que o esperava? Huma entrevista foi ajustada, que devia ter lugar de noite em o jardim. Muitas vezes as maiores cautelas produzem o mesmo effeito que os maiores descuidos.

A entrevista teve lugar: suspiros, soluços, lagrimas, protestos, juramentos, e depois hum beijo, e apos este segundo, e apos este o crime se consumou... O crime! E quem póde dizer que foi crime? Ao menos elles não forão criminosos. Embriaguez terrivel se apoderára delles: o silencio da noite, a solidão... a mocidade... sim, a mocidade, tão cheia de vida, tão cheia de calor, tão precipitada. Não foi amor: ah! não lhe imputemos culpas que elle não tem: a união dos dous sexos he hum instincto, a que as leis sociaes tem querido dar normas, sujeitar a regras, das quaes porém a natureza muitas vezes não faz caso. He criminoso para com a sociedade aquelle que viola essas normas; mas a natureza absolve muitas vezes o que a sociedade condemna.

E que remorsos não tiverão elles quando lhes pastou a lim-

RIO DE JANEIRO.

Foi-nos communicada hontem huma carta de Pernambuco, annunciando que o Sr. Bernardo de Souza Franco tinha seguido na barca de vapor para o Pará, levando em sua companhia o bacharel Elias Coelho Castro, que se diz ia servir-lhe de secretario.

Appareceu hontem, na praia immediata ao chafariz do largo do Paço, o cadaver de hum preto afogado.

Domingo, 11 do corrente, a sociedade dramatica franceza dará, no theatro de S. Francisco de Paula, huma representação a beneficio da sociedade de beneficencia franceza. Assegura-se-nos que a escolha do espectaculo he digna de tão nobre objecto, e não podemos deixar de louvar o zelo dos membros da dita sociedade, que para este philantropico fim abalanção-se a apparecer em publico.

Os bilhetes achão-se á venda na rua do Ouvidor ns. 54 e 66.

ASSEMBLÉA PROVINCIAL DO RIO DE JANEIRO.

SESSÃO EM 5 DE ABRIL.

Presidencia do Sr. Freitas Magalhães.

Até as 11 horas da manhã não se tendo reunido numero legal de Srs. deputados, o Sr. presidente declarou que não havia sessão.

CORRESPONDENCIAS.

O PORTUGUEZ REMORDIDO AO ORGÃO.

« Se o *Portuguez* do *Jornal do Commercio* não he o « mais cobarde de todos os homens, desculpe-se, di- « ga-nos quem he, que nos lhe diremos quem somos; « a execração dos Portuguezes effectivos e dos Brazi- « leiros estatalisados recaiba sobre hum individuo « somente; e nós, não o reconhecendo por nosso, « apagaremos a todos que o seu indigno compatrio- « ta acaba de lançar sobre o nome luzitano !!! ». Santo Breve da Marca! misericordia, misericordia! Deos dos Christãos, valei-nos, filho do Senhor, rogai por nós. Quem se compadece do pobre *Portuguez do Jornal do Commercio*? Raios, coriscos, trovões, pragas, pestes, maldições, fome, guerra, desgraças e excomunhões..... tudo.... tudo está perpendicular sobre a sua cabeça!

E ninguem lhe acode? não ha quem chore o amaldiçoado? Ora, aqui para nós: he neste valle de lagrimas muito pacato, muito cheirado! Nós perfeitamente sabemos donde parte essa calumnia coberta com o titulo de correspondencia, que se lê no *Despertador de hontem*. Quatro vezes pegámos na penna, e outras tantas a abandonámos, impellidos pelo desprezo que nos inspirou tal capadocagem. Dignos do Dr. Gama são taes rodeios, taes sublimezas; porém, he desgraça que o ridiculo caracterise essas especialidades.... Em fim, seja o que for. Em claro não hão de passar certas covardias que cumpre mostrar. Taes quaes são. Diz o Sr. *Orgão* e que nós, esquecidos do que devemos a nós, fomos unir-nos com huma folha de quem os Portuguezes tem recebido aggravos, para deprimir hum nosso compatriota. « Nosso compatriota? nosso compatriota? ella? o Dr. da Gama e Castro? arredamos para longe de nós huma tal afronta. Já dissémos hontem que a tolerancia politica forma o caracter dos povos civilisados. Porém, tolerancia com hum homem que na convenção de Evora-Monte pronuncia alto e bom som, em resposta aos emissarios constitucionaes: « *Não acceito a capitulação de Evora Monte, nem reconheço o governo de Lisboa. Dr. José dos Bastos* [illegible] *EM PORTUGAL* » (*) Que diz a isto o Sr. Orgão? Tome para si esse estrangeiro, chame-lhe seu compatriota, seu pai, seu amigo e até seu deos, mas nós havemos sempre considerá-lo como inimigo ligadal, inimigo irreconciliavel, como elle mesmo se declarou. *A nossa augusta rainha esforça-se por abafar todas as sementes de discordia que unem a nobre familia portugueza, chamando a si os miguelistas mais conhecidos, dando-lhes bailes.... na mesma occasião em que vemos sentados na representação nacional miguelistas dos mais exaltados*, etc. Aqui ha aquillo que se chama agglomerar, colorir. A rainha e toda a nação desejão efficazmente hum completo esquecimento sobre o passado, agazalhão os miguelistas; mas, entenda o *Orgão*, são aquelles miguelistas em systema governativo, aquelles que, convencidos, tem adherido á nova organisação politica, e que hoje, com suas luzes e seus serviços, entrão com algum contingente para a grande obra da prosperidade publica; mas esta fraternidade não se entende com o puramente miguelista, isto he, sectario da pessoa, que lisongeou suas paixões, seus desvarios, que incensou os crimes por elle commettidos, que ainda hoje os quer fazer correr como virtudes, e que finalmente se atreve a dizer á face d'aquelles mesmos de quem elle pretende tolerancia:

TENHO MUITA VANIA E HONRA EM SER MIGUELISTA.

Desafiamos todo aquelle que tenha tocado a meta da indulgencia, para que nos diga se este homem he nosso patricio, se devemos a sangue frio supportar a audacia com que se apresenta pela imprensa, e se ainda, para maior prova de cobardia, devemos (como quer o Orgão) ter muita honra com a feliz presença do Dr. da Gama e Castro! Em quanto ao supposto desaire com que se nos quer figurar, por escolher-mos o *Jornal do Commercio* para publicação de nossos artigos, diremos em primeiro lugar. Nenhuma prevenção temos contra esta folha, desde o tempo do Sr. Villeneuve; nunca fomos instrumento de redactores, nunca procurámos desacreditar esta para regalar o proprio nome aquella, nem foi nunca dos nossos sentimentos remediar velhos odios com o prejuizo de quem se não conhece, e isto para locupletar a opinião de hum, cujo fim unico he o seu interesse. Assim como procurámos o *Jornal do Commercio*, procurariamos o *Despertador*, se o Dr. Gama se achasse na redacção daquelle periodico. O nosso unico empenho foi arredar dos debates de consciencia publica o nome do nosso patriotico, de que a cada passo se lembra não, por mera fatuidade; e que já deu em resultado huma desordem geral, que terminou com o nosso primeiro artigo — *Hum Portuguez no Rio de Janeiro*. — quando respondemos aos redactores do *Chronista*.

Temos respondido ao *Orgão*; mas, advirta elle que não he isto importancia que lhe queremos dar, bem que elle a procure para si. O insulto, a intriga, o calculo e a hypocrisia com que a correspondencia foi escripta he o que nos obriga a esta resposta, para esclarecimento de alguem que, por ventura, estivesse desprevenido.

Em quanto aos sarcasmos com que esse Problema nos insulta, lhe a nossa resposta ao Dr. Gama do *Despertador*, e escolha para si o que quizer. Ameaças, desprezamos-as ordinariamente, nunca vendendo o nome aos comparsas de traidade, e sempre perseguindo o cobarde que se esconde com o repostiero. Quando esse homem, que se ufana de ser miguelista, que não reconhece o governo de Lisboa, e que para Portugal he estrangeiro; finalmente, quando esse homem seja parte quiser saber o nosso nome e conhecer-nos, bastará saber que que o procurando.

Sr. Redactor.

Tão persuadido se tem mostrado o director do *Despertador*, de que falsei ao contracto com elle celebrado, tantas e tão repetidas vezes o tem affirmado, que *finjo* se vencer a natural repugnancia, e responder huma vez por todas ao artigo de seu n. 302, já que insiste o meu testemunho.

Havendo, em 1836, ouvido do Exm. Sr. ministro da fazenda licença para trabalhar para a empreza que melhor me conviesse, tendo por fim a publicação dos Debates da camara temporaria, celebrei com o Sr. Dr. José Marcellino o contracto, de que falla o citado artigo. Mas, depois de o dito Sr. doutor se haver sujeitado a condição de que teria á sua disposição a tempo o preto mechanico, e por, papel e mais material que esperava da Europa, e devia estar no Brazil até o fim de abril; pois que, do contrario, tornava-se impraticavel a publicação dos Debates em sua integra, como se desejava. Não pôde ser cumprida esta condição, e bem forão verificadas as esperanças do Sr. Dr. José Marcellino. O preto mechanico, etc., que devia estar aqui em abril, só chegou em novembro, isto he, hum anno depois do encerramento das camaras. Este facto explica os muitos inconvenientes, pelos quaes não me foi possivel cumprir o estipulado, e explica tambem a razão por que foi preferido o editor do *Jornal do Commercio*, que então era, e talvez seja ainda por muito tempo, o unico no Brazil capaz de levar a effeito a empreza da publicação das sessões da camara temporaria, com a necessaria perfeição e brevidade. Cedo em demasia na sinceridade e boa fé do Sr. Dr. José Marcellino, para deixar de me persuadir de que elle reconhecerá comigo, que no artigo a que me refiro, falto certamente, por esquecimento, a declaração desta circumstancia, que aliás me não parece de importancia.

Outra inexactidão, não menos importante, se descobre na parte do art. que trata da proposição que fiz de dar copias da decifração. O Sr. José Marcellino não me disse, como por engano affirma, que aceitara, *por alguns dias*, as copias para experimentar se satisfarião: essa experiencia já tinha eido! Ha muito antes, requisitamos copias fornecidas para o *Diario Fluminense* em 1836 e 1837, quando empregado nos trabalhos da publicação do diario da camara dos Srs. deputados: o Sr. Dr. José Marcellino me respondeu sim, que estava em duvida se empregaria redactores em lugar de tachygraphos, como fazem alguns jornaes em França. Idea esta muito apoiada pelo Sr. Vigorite; e posto eu procurasse convencer o dito Sr. Dr. de que, sem o auxilio da tachygraphia, pouco poderia fazer, persuadio-se do contrario, e no dia 6 de maio dirigio-me huma carta, em que declarou que não lhe convinha a minha proposta.

Não se queixaria o Sr. Dr. José Marcellino de demora na remessa dos trabalhos, transposições, pessima escripta, etc., etc., se tambem não estivesse esquecido das muitas e repetidas instancias que lhe fiz, para que mandasse á minha casa hum amanuense, fazendo-lhe ver claramente que não me convinha entrar em despesas, de que poderia não ser indemnisado, como o facto mostrou. E se huma vez obtive do Sr. Dr. José Marcellino que me mandasse o seu caixeiro, para copiar parte do parecer da commissão de poderes, foi porque lhe representei a impossibilidade de se ultimar, sem este auxilio, a copia de hum documento tão volumoso. Parece portanto de justiça, que tão infundada queixa reverta contra o queixoso.

Escrevendo eu tachygraphia desde 1823, he o Sr. director do *Despertador* o primeiro que descobre em mim o defeito da morosidade no fornecimento das notas para a composição. He porém digno de desculpa. A falta de experiencia nesta especie de trabalho o fazia crêr que era possivel limitar espaço, dentro do qual devia estar concluida a decifração. Julgo que hoje deverá ter mudado de parecer. O *Jornal do Commercio*, nos dias de discussão calorosa, não poucas vezes recebe notas minhas até depois de meia noite: e nem porisso faz dispendio sem conseguir o fim: no dia immediato á discussão, são as suas folhas distribuidas por toda a cidade antes das 4 horas da manhã.

Queira, Sr. Redactor, publicar estas poucas linhas, com que muito obrigará o seu venerador.

Pedro Affonço de Carvalho.

Sr. Redactor,

Tendo eu visto hum requerimento dirigido á assembléa provincial pelos Srs. Bastos, proprietarios do terreno onde está estabelecida a villa de Iguassú, queixando-se do projecto apresentado pelo Sr. Dr. Azevedo, não pude conter-me, sem lançar mão da penna para defender aquelles pessoas que forão nelle atacadas, pessoas de honra e probidade, e que não podem os Srs. Bastos perdoar o crime (segundo elles) de trabalhar a bem daquella villa, esforçando-se em fazer que se desapropriasse huma quantidade de terreno, para converte-lo em patrimonio da camara municipal.

Que o projecto do Sr. Dr. Azevedo he muito justo, ninguem o poderá contestar, não só á vista das bem desenvolvidas razões apresentadas pelo Sr. Dr. Pereira da Silva, em hum artigo seu, senão tambem á vista dos factos que eu passarei a narrar, e que abaixo demonstrão os despotismos que praticão quotidianamente os proprietarios daquelle terreno.

Hum negociante, por nome Mandiga, morador no Iguassú, quebrou, e tendo entregue aos credores. Estes, por via do Sr. Antonio Manoel da Fonseca, negociante desta côrte, e hum dos principaes credores, quizerão vender a casa pertencente a aquelle Mandiga, para dividir entre si o seu valor. Bem huma pessoa, porem, a quer comprar, porque, não valendo ella mais de 2 a 3 contos, os Srs. Bastos levantarão o arrendamento do terreno, em que estava edificada, de 50$ rs. somente que pagava Mandiga, a 300$ rs. que deveria pagar o comprador. Quem quereria dar 3 contos de rei por huma casa que, alugada, não valia mais de 300$000 rs. annuaes, e de que somente pelo terreno se pagava 300$000 rs.; ainda de mais a mais tendo de pagar decimas, etc.? A casa, portanto, não se vendeu, os credores bradão clamando pelo seu, e os proprietarios rindo-se e zombando do bom do publico.

O Sr. Bastos, quando edificou a sua casa no Iguassú, propôz-se a pagar 2 dobras de arrendamento aos proprietarios do terreno. Dous annos ou tres depois, elles elevarão esse preço a oito. E ainda não tem decorrido muito tempo, depois desse trato, e já pagão doze dobras! Era assim hum proprietario qualquer sujeito aos caprichos daquelles senhores que, não querendo *alienar*, e somente arrendar terrenos, aproveitão-se da natureza do contracto do arrendamento para elevar, quando lhes aprez, o preço a huma somma exorbitante.

E isto não succede com bem de outro habitante do Iguassú; tem lugar com todos, que todos são arrendatarios, que todos tem soffrido, e muito, dos despotismos dos Srs. Bastos.

Ora, o projecto apresentado á assembléa provincial, tendente a desapropriar 500 braças de terreno da villa, para dar-lhes a camara municipal e esta alforria-las, he, alem de muito justo, por isto que se subtrahem ao capricho dos Srs. Bastos os moradores daquelle lugar, muito necessario para o engrandecimento e prosperidade da villa que, como muito bem disse o Sr. Dr. Pereira da Silva, ali nascido, e possuindo predios, he hoje huma das mais, ou talvez a mais commerciante da provincia do Rio de Janeiro, e a que promette e affiança mais seguros penhores de florescimento.

Os Srs. Bastos, no seu requerimento, gritão muito pelo seu direito de propriedade, e se esquecem de que tambem são proprietarios, e muito mais ricos, os Srs. Neves, Soares, Moura, Almeral, moradores d'aquella villa. Pois, estes que tem predios, que valem sommas immensas, e mais ainda do que vale toda a terra pertencente aos Srs. Bastos, hão de perder o seu direito de propriedade e sujeita-lo ao capricho dos Srs. Bastos? Só estes são por ventura proprietarios?

A carta de lei de 6 de setembro de 1826, e a lei provincial de 14 de abril de 1835, apresentão claramente as excepções feitas á plenitude do direito de propriedade, garantido pela constituição do imperio, art. 179 § 22; nestas excepções está comprehendido o caso de desapropriação por *commodidade publica*. He ou não *commodidade publica* a desapropriação do terreno da villa do Iguassú? Certamente que sobre isto não póde haver duvida: como pois negar *direito* ao projecto do Sr. Dr. Azevedo, que já passou em 2ª discussão por quasi que unanimidade de votos?

E tanto pertence este negocio á assembléa provincial, que já ella legislou a esse respeito, quando fez a lei acima citada de 14 de abril de 1835.

Nos documentos annexados á petição dos Srs. Bastos, allega-se que o cidadão Antonio Ferreira Neves he Brazileiro adoptivo, e que, por vingança, he o autor da propaganda contra os proprietarios do terreno; o qual, como he muito rico, como ali se diz, arranjou o *abaixo assignado* para a desapropriação. Este insulto reverte contra os mesmos que delle se serviráo. Que crime he esse de ser *adoptivo*? Para que novamente rasgar as entranhas de hum passado, que deveria para sempre ser olvidado? Deixamos aos animos sensatos as reflexões que póde ministrar tão desprezivel e miseravel allegação, sobretudo apresentada pelos Srs. Bastos, que nem adoptivos são, mas sim Portuguezes!

Não he o Sr. Neves quem tem causado tudo isto. São sim as injustiças exorbitantes praticadas pelos proprietarios do terreno; são todos os honrados habitantes do Iguassú, os do abaixo assignado, e os vereadores da camara; são todas as pessoas ricas, independentes e gradas do paiz, os Srs. Soares, Pamplona, Neves, Barreiros, Moura, João Manoel, Amaral, Andrade, etc., etc., etc. E certamente que estes nomes são respeitaveis e dignos.

A assembléa provincial tem obrado muito dignamente; passou o projecto em 2ª discussão, só falta a 3ª que não tardará, e para a qual esperamos o mesmo successo. Eu sou, Sr. Redactor,

Hum Iguassuense.

Sr. Redactor.

Quando me dirigi ao Sr. encarregado da recepção da contribuição para a musica, em correspondencia de 6 do corrente, não foi meu intento offender ao Sr. Ramos Porto, a quem tenho, bem como a maioria dos guardas nacionaes, na melhor conta de honradez e probidade, tanto mais que, não estando elle, desde a organisação do batalhão e estabelecimento da dita percepção, encarregado da caixa, pouca responsabilidade lhe sobrecarregava, e por isso satisfazemos bemos com a exposição succinta e clara do estado da caixa ao seu tempo. Não succede outro tanto no que diz respeito ao tempo anterior á sua administração, pois que, ainda reputando todos os Srs. commandantes de companhias referidos de muita probidade, o facto de estar a musica ainda com o primeiro fardamento, e *este em deploravel estado*, que se fez ha quatro annos, havendo huma receita, como diz o Sr. Porto, de (termo medio) 250$ rs. mensaes, e o escandalo de não haverem as companhias 1ª e 6ª prestado suas contas, e de terem alcances certos, deixa a alguns guardas nacionaes no mesmo escrupulo em que estavão, de que a caixa do batalhão não foi, como devia, ser fiscalisada, e que a onerosa contribuição que pesa sobre os mesmos guardas gastou-se sem conta nem medida; por isso, achando-se justificado o Sr. Porto, os seus antecessores não o estão.

O Physico-mór.

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO.

Houve sessão no sabbado passado, ás horas do costume, sob a presidencia do Exm. Sr. visconde de S. Leopoldo. Recebeu o instituto a approvação dos seus estatutos pelo governo, e, depois de huma larga discussão, decidio-se, por maioria de votos, que fosse impressa essa approvação, como supplemento aos mesmos estatutos, para que possesse o publico conhecer melhor as intenções e fins do estabelecimento que, alem de ter por protector S. M. I. o Sr. D. Pedro II, vio seus estatutos approvados e mandados executar pelo governo.

Algumas indicações apparecêrão em mesa, enviadas por distinctos socios que, entretanto, não mencionaremos, pelo seu pouco interesse para com o publico; não guardaremos, porém, o silencio acerca de huma do Sr. desembargador R. da S. Silva Pontes, a qual merece toda a attenção e publicidade.

Propôz o illustre e digno socio, que á vista das questões suscitadas no congresso historico europeo, acerca da origem da raça dos Ciganos existentes no Brazil, e sobre alguns monumentos de civilisação anterior á conquista deste paiz pelos Portuguezes, tomasse o instituto em consideração estes dous objectos, e os fizesse entrar na ordem dos seus trabalhos historicos. E assim se vencêo por unanimidade, mandando-se lançar na respectiva urna as competentes questões, para serem discutidas em tempo.

Huma tal discussão deve ser do maior interesse, e sem duvida que terá bons resultados.

Por engano, quando a vez passada apresentámos o extracto da transacta sessão deste estabelecimento, dissémos que S. M. o Imperador aceitara o titulo de membro e de protector; ratificamos este engano, assegurando que unicamente aceitou elle o ultimo titulo.

EDITAES.

O Dr. Saturnino de Souza e Oliveira, inspector da alfandega desta côrte, faz saber que, no dia 10 do corrente, se hão de arrematar em praça, ao meio dia, na porta da alfandega, 58 peças de castores de algodão, com 2 300 jardas, avaliadas por 690$000 rs., impuzadas em factura de Rostron Dutton e C., pelo 2º escripturario da alfandega João Vieira da Costa, sendo a arrematação sujeita a direitos e expediente; 2 caixas e 4 cestos, contendo 48 queijos londrinos com avaria, por 200 rs. cada hum, pertencentes a C. D. Klingelhoefer e C., nos termos do artigo 265 § 4º do regulamento da alfandega, sendo a arrematação livre de direitos ao arrematante. Rio de Janeiro, 8 de abril de 1839. — *Saturnino de Souza e Oliveira.*

— O Dr. Saturnino de Souza e Oliveira, inspector da alfandega desta côrte, faz saber que, no dia 10 do corrente, se hão de arrematar em praça, ao meio dia, na porta da alfandega, 1 peça de coiro, pesando 2 arrobas e 23 libras, avaliada por 4$000 rs.; e 1 dita de dito, pesando 2 arrobas e 14 libras, por 4$ rs., apprehendidas, sem despacho, pelo guarda da alfandega, Antonio Epifanio de Noronha, sendo taes arrematações livres de direito ao arrematante. Rio de Janeiro, 5 de abril de 1839.

Saturnino de Souza e Oliveira.

DECLARAÇOES.

Pela pagadoria das tropas desta côrte paga-se, no dia 10 do corrente mez, ao corpo de engenheiros, escola militar e fortalezas. Secretaria do arsenal de guerra, 9 de abril de 1839. — *José Antonio Castrioto.*

— Pela policia se faz publico que, na cadêa da villa de Santa Maria de Baependy, se acha recolhido hum preto de nome Antonio, de nação, idade de 40 annos, pouco mais ou menos, alejado de huma mão, e diz seu Sr. chamar-se André de Castro Gomes, morador no Porto das Caixas, freguezia da Madre de Deos. Rio, 9 de abril de 1839. — *Joaquim José Moreira Maia.*

— No dia 12 do corrente, pelas 9 horas da manhã, se venderá em leilão, pela repartição das obras publicas, o resto dos materiaes que ficárão das obras do paço do senado, constando de madeiras, vidraças, cabos de linho, portas, mesas, etc., etc.; as pessoas que quizerem vêr estes objectos, pódem antes dirigir-se á cocheira do mesmo senado, onde estão os ditos objectos, e se fará o leilão. Inspecção geral das obras publicas, 9 de abril de 1839. — *J. V. Gomes.*

— Nos dias 10 e 11 do corrente, das onze horas da manhã á huma da tarde, o thesoureiro da imperial irmandade da Santa Cruz dos militares fará o pagamento ás pensionistas e empregados da mesma irmandade, devendo aquellas apresentarem certidão do respectivo parocho, por onde provem acharem-se em

---

não! Quanto dera Narciso por nunca ter pedido semelhante entrevista! Quanto dera Alzira por a não ter concedido! Quando ali se reunirão, pensavão que só terião de chorar a separação a que erão obrigados: porém, não lhes acontecêo assim: Alzira teve que chorar a sua innocencia perdida, e Narciso não podia de modo algum perdoar-se a fraqueza a que tinha sido arrastado.

Foi necessario separar-se, e separárão-se: Narciso partio no dia seguinte, e foi inconsolavel: Alzira o não ficou menos, e a sua tristeza não era fingida, porque tinha que deplorar duas perdas.

Mas seus tormentos ainda crescêrão, e chegárão ao ultimo auge, quando no fim de hum mez conhecêo que estava pejada. He esta huma daquellas posições que facilmente se não concebe, e que por isso nunca póde ser bem descripta, nem fazer-se sentir ao leitor. Figure-se huma menina, cuja coragem ainda huma só vez não foi experimentada, cuja familia tem toda por timbre a honra, e cujo pai nem conhece o nome do que seja fraqueza, o pai de cujo filho navega a centenares de leguas de distancia, e por isso lhe não póde vir prestar apoio: figure-se huma menina nestas circumstancias, e com huma falta de semelhante natureza, que não póde ser occultada... os tormentos de huma semelhante posição não podem bem ser avaliados. Mas era necessario tomar huma medida.

Alzira confiou tudo a sua mãi.

Não gastou esta o tempo em reprehensões ou reflexões agora de todo inuteis; fez melhor: procurou meios de salvar a honra de sua filha, a sua e a de seu marido; para o que, de concerto com aquella, se fingio pejada. A principio tomou seu marido esta noticia por simples gracejo; mas, tão seriamente lhe fallou ella, que o convenceu, e então verdadeiros transportes de alegria. E com quanto não desejem autorisar o facto, todavia, contando-o em segredo a hum e a outro, em breve se fez publico.

Ainda não bastava, era necessario mais alguns casos: pelo que ella se fingio gravemente incommodada e carecida dos ares do campo; o que, junto á necessidade de distrahir sua filha, cuja constante melancolia era attribuida á ausencia, foi motivo bastante de se retirarem as duas para huma fazenda a trinta leguas da côrte, a qual tambem carecião de ver, por o não terem feito, havia muito tempo. O serviço embaraçou o militar de as acompanhar. Ora, em quanto ellas fazem a sua jornada, façamos nós algumas reflexões.

Os meus leitores talvez criminem esta boa mulher, porque assim enganou seu marido; mas, não tem razão. Para os fazermos calar, bastaria lembrar-lhes que nem sempre as mulheres que enganão os maridos são criminosas: Rebecca enganou Isaac, fazendo que desse a Jacob a benção que elle destinava a Esaú; e nem moralista christão, nem padre da igreja que saibamos, tem até hoje reprehendido esta acção. Como, porém, talvez se não ache exactidão na paridade, expliquemos o nosso enigma, deixando aos mais o cuidado de explicar os que arranjarem.

E se o padre mestre do *Despertador* disser que isto he irreligioso? Mas, que nos importa a nós com o *Despertador*? faz elle muito bem: elle bem sabe que a constituição permitte a livre expressão do pensamento, em cuja faculdade encaixa elle tambem a de exprimir o que não pensa: ora, certo nesse direito, elle vai dizendo o que quer, e quem não quizer que o não leia. Diga, pois, o que bem lhe parecer, que nós iremos continuando com a nossa historia.

Alzira era filha unica, e por tanto, todos os bens de seus pais devião passar a ella; a ella, por tanto, vinha somente a prejudicar a supposição de sua mãi; e ella não comprava muito cara a sua reputação por metade da sua fortuna, e quando esta em tudo a reculhir em seu filho que era seu herdeiro universal. E se vinha a casar e ter filhos legitimos, devendo aquelle ser ainda seu herdeiro, como filho meramente natural, lhe ficava segura sua legitima, ficando a outra parte para os outros. E, não casando Alzira, seria sempre seu filho o seu herdeiro, a titulo de irmão. Quanto ao pai de Alzira, tambem o engano era toleravel, pois quasi indifferente lhe devia ser abraçar e beijar o menino como seu filho, ou como seu neto. Se estas razões não desculparem a boa mulher, não temos outras melhores para dar.

Alzira, em tempo proprio, deu á luz hum menino, a que foi posto o nome de Guilherme: seu pai foi avisado de que tinha hum filho varão, o que o encheu de alegria. Via já hum militar futuro, que devia continuar a geração dos militares; já os maiores postos do exercito erão considerados seus; a gloria da familia e a da patria ião receber hum lustre incomparavel.

Guilherme póde, por tanto, ser criado junto de sua mãi, que, com apparencias de amor fraternal, escondia o amor materno, que, aliás, se lhe não podia occultar, causando mesmo admiração ver como podia ella assim affagar hum irmão que lhe vinha arrancar metade de sua fortuna, quando menos o podia recear. E ainda mais admiração causou quando, offerecendo-se-lhe varios partidos, aliás mui vantajosos, respondia que não podia aceitar, para não diminuir a fortuna de seu pequeno irmão que, tendo de seguir a carreira militar, necessitava de ter com que o fizesse com brilhantismo.

Guilherme foi, com effeito, destinado á profissão das armas, logo que chegou a idade sufficiente: seu avô o tratou sempre como seu filho, tido já quando menos o esperava, fructo da sua velhice; isto he, seu avô não usou para com elle d'aquella energia de que tanto se ufanava, e que tão necessaria he para huma boa educação; o que fez com que ficasse elle sujeito a alguns defeitos, como orgulho e irascibilidade prompta. Seu avô morreu, deixando-o de dezoito annos, e sem que tivesse conhecimento do segredo fatal: sua avó morreu pouco depois, e assim ficou Guilherme governando a casa e sua propria mãi, que supponha ser sua irmã, e que debalde lhe dava alguns conselhos, os quaes elle de cada vez ouvia menos.

E entretanto o que tinha feito Narciso? tinha sido fiel sempre á sua amada? Sim, tinha sido fiel. Ignorava, he verdade, tudo quanto se tinha passado: ignorava mesmo que era pai; mas, apesar disso, foi firme em seus juramentos. Por algum tempo continuou a sociedade com seu antigo amo; porém, achando-se com fundos sufficientes, principiou a girar sobre si, e adquirio em breve huma boa fortuna. Alzira, logo que seu pai morreu, buscou noticias delle; e, sabendo que ainda se conservava solteiro, o fez participante de quanto era passado; pelo que, realisando seus cabedaes, elle se apresentou nesta côrte, quando já seu filho contava vinte e dous annos. Buscou logo Alzira, e, entregando-lhe esta os documentos que justificavão a filiação, tratárão immediatamente o casamento.

Vio Guilherme as visitas que fazia Narciso a aquella que elle suppunha sua irmã; vio que estas visitas amiudavão, e vio que entre elles reinava a maior familiaridade, e desconfiou que algum louco amor tinha entrado na cabeça de Alzira, que, pelo menos, iria dar em algum casamento. Mas, casar-se ella? Priva-lo assim de metade da fortuna com que contava? Julgou, por tanto, ou de seu dever, ou do seu interesse, necessario fazer algumas reflexões a Alzira; mas esta zombou delle, e continuou a receber o seu antigo amante. A aversão de Guilherme para este homem cresceu mais por este facto.

Suppondo que ella, com effeito, tivesse em vistas casar-se com elle, como consentir em hum projecto que, além de o privar da fortuna que já dissemos, tinha o defeito de não partir delle, o que não he pouco para hum espirito pequeno e orgulhoso? E como supportar que julgasse o publico que semelhante casamento era effeito de seu mão viver, pois, de outra sorte se não podia conceber que casasse na idade de trinta e nove annos, quatro depois da morte de seu pai, aquelle que sempre recusára fazê-lo, para não dimi-

---

(*) *Despertador de 23 de janeiro de 1839.*

estado de viuvez ou innuptismo. Rio de Janeiro, 8 de abril de 1839. — *Francisco Pedro de Arbues da Silva Muniz e Abreo.*

— Pelo juizo de paz do 2.° districto da freguezia de S. Rita se faz publico que na prisão do Calabouço se acha hum preto que diz chamar-se João, e ser de nação Benguela, e escravo de Felisberto Caetano, morador em Maria-Angú. Rio, 9 de abril de 1839. — O escrivão, *Antonio José da Rocha Freitas.*

COMPANHIA FLUMINENSE DOS OMNIBUS.

As viagens dos dias uteis, e os extraordinarios dos sabbados e vespera de dias santos, e domingos e dias santos de guarda, continuão a ser ás mesmas horas já annunciadas pelos jornaes do dia sabbado 6 do corrente; porém, além desses extraordinarios, haverá todos os dias hum coche, que partirá da cidade ao Engenho Velho, ás 7 horas da manhã, e regressará para a cidade ás 8 horas da mesma. Rio, 9 de abril de 1839. — Inspector do ponto central, *Santos.*

REPARTIÇÃO DA POLICIA.

Relação das pessoas despachadas no dia 9.

MONTEVIDÉO — João Luiz Pereira Lima, Portuguez: leva em sua companhia duas filhas, de nome D. Angelica de Boaventura e D. Theodora Luiza, e 4 netas, D. Isabel Maria, D. Maria José, D. Adelaide Augusta, e D. Francisca Josquina; e 7 escravos.

PARANAGUA' — Domingos Gomes Ribeiro, natural de Vianna. *Antonio Maria Dias.*

PARTE COMMERCIAL.

RIO DE JANEIRO.

MANIFESTO DA GALERA FRANCEZA — DEUX AMIS — ENTRADA DE MONTEVIDÉO.

ALGODÕES: — 10 caixas e 2 fardos a Bradshaw e C., 4 fardos a Julio Graveran.

CARNE SECCA: — 603 quintaes a Campbell e Greenwood, 291 ditos e 50 libras a Maxwell Wright e C., 2,089 ditos a Chicola e Luque, 316 ditos a Paulet.

CHIFRES: — 1,680 a Chicola e Luque.

MAÇANS: — Huma porção aos passageiros.

SEBO: — 24 barricas e 150 pães a Chicola e Luque, 20 barricas e 4 pipas a Paulet.

NAVIOS QUE HOJE DAÕ DESCARGA.

Para a alfandega: — Brigues sardos *Nerina* e *Almirante Geneys*, brigue dinamarquez *Æolus*, brigue nacional *Orozimbo.*

Para a estiva: — Barca portugueza *Prazeres e Alegria*, galera nacional *Santa Cruz*, brigue inglez *John Lawson.*

Para despacho sobre o mar: — Brigues suecos *George Washington* e *Caledonia*, barca portugueza *Espirito Santo*, brigue americano *Congress*, brigue brazileiro *Constante.*

Do trapiche da Saude vem hum saveiro de vinho para a estiva, pertencente á carga do brigue portuguez *General Nepomuceno.*

EMBARCAÇÕES DESPACHADAS NO DIA 9.

NEW-YORK — Barca americana *Azelia*, de 508 tons., Consigs. Maxwel Wright e Comp.: manifestou 5,000 saccas café.

HAVRE — Baleêira franceza *Fanny*, de 550 tons., Consigs. Schroeder e Comp.: segue com a carga com que entrou.

SANTOS — Gal. N. *Flor do Rio Grande*, de 222 tons., Prop. Manoel José Fernandes Lima: em lastro.

IGUAPE — Sum. *Anna Carolina*, de 105 tons., Props. José Tiburcio e Comp.: com varios generos.

SANTA CATHARINA — Pat. *Temerario*, de 153 tons., Prop. José Maria do Valle: com varios generos.

RIO DE S. JOAÕ — Sum. *Estrella do Sul*, de 46 tons., Prop. João Luiz da Cunha, com 6 barricas assucar.

Ficárão por despachar os navios portuguezes *Quatro de Março, Maria II* e *Rosalinda.*

DESPACHOS DE EXPORTAÇAÕ NO DIA 9 DE ABRIL.

Para:

HAMBURGO — Na Esc. ingleza *Adelaide*, Rostron Dutton e Comp.: 141 saccas café.

— Na barca sueca *Union*, Frederico L. Leucht: 2 saccas café; A. G. Blahd, mantimentos.

— Na barca Hamburg. *Dorothea Wilhelmina*, Prianlx Tupper e Comp.: 280 saccas café; Schroeder e C., 150 ditas.

BREMEN — No Berg. inglez *Duke of Glocester*, Manoel Ferreira Louzada: 13 saccas café; Miller Lecoq e C., 1 caixa com 3 arrobas de doce de calda; Guilherme Joppert, 1 sacca café.

TRIESTE — No Pat. hespanhol *Cisne*, Cairns Astley e C.: 32 caixas assucar que não embarcárão no patacho sueco *Treflig*; R. José Domingues Ferreira, 60 caixas assucar.

HAVRE — Na barca franceza *Henriette*, Souto Dowey e Benjamin: 652 couros limpos, 31 ditos refugos; J. Bureau, 1 sacco de milho.

NEW-YORK — Na Gal. americana *Azelia*, Maxwell Wright e Comp.: 200 saccas café.

MONTEVIDÉO — No Pat. brazileiro *Amorim*, Basilio Antonio Pires: 51 saccas arroz de Iguape; Joaquim Francisco Xavier Ferreira, 1 pipa cachaça.

— No Pat. brazileiro *Constante Amizade*, Joaquim Bernardino da Costa Aguiar, 100 saccos farinha de Santa Catharina.

LISBOA — No Berg. portuguez *Carlota Amelia*, Francisco José Vaz Vieira: 5 duzias de couçoeiras de oleo.

— No Berg. portuguez *Paquete Feliz*, Francisco José Vaz Vieira: 30 caixas assucar de Campos.

PORTO — Na barca portugueza *Orestes*, M. M. de Avilez Carvalho: 100 saccas de arroz do Rio de S. Francisco do Sul.

— No Berg. portuguez *Leão*, M. M. de Avilez Carvalho: 100 saccas arroz de Pernambuco, 5 ditas dito do Rio de S. Francisco.

— No Berg. brazileiro *Activo*, Victorino José de Freitas: 2 saccas arroz, 1 barrica farinha.

BENGUELA — Na Sum. portugueza *Treze de Junho*, Francisco Fernandes Guimarães: 15 pipas cachaça.

DESPACHOS DE REEXPORTAÇAÕ NO DIA 9.

Para:

HAVRE — No Berg. francez *Courrier de la Seine Inférieure*, Souto Dowey e Benjamin: 910 couros, vindos de Montevidéo no bergantim brazileiro *Minerva.*

EXPORTAÇÃO DOS PRINCIPAES PRODUCTOS DO PAIZ PARA OS PORTOS ESTRANGEIROS. — MARÇO DE 1839.

NACIONALIDADE.	EMBARCAÇÕES.	toneladas.	CAFÉ. saccas.	CAFÉ. barricas.	ASSUCAR. caixas.	ASSUCAR. barricas.	COUROS.	CHIFRES.	MEIOS DE SOLA.	ARROZ. saccas.	FUMO. rolos.	AGUARDENTE. pipas.	TAPIOCA. barricas.	JACARANDA', cossueiras.	FARINHA. sa cas.	CARNE. arrobas.
AMERICANAS	7	2,099	19,437	—	—	—	902	—	—	—	—	—	—	—	—	—
BRAZILEIRAS	2	368	—	—	—	—	—	—	—	—	404	—	—	—	—	—
BREMENSA	1	230	2,814	—	—	—	—	—	100	—	—	—	—	—	—	—
DINAMARQUEZAS	2	545	2,678	—	—	—	2,743	4,145	—	—	—	—	14	120	—	—
FRANCEZAS	3	903	2,639	—	211	—	1,640	—	—	—	140	—	—	100	—	—
HAMBURGUEZAS	3	890	8,471	—	—	—	1,113	—	200	—	—	—	15	200	—	—
INGLEZAS	8	—	17,181	—	—	—	840	15,000	—	—	—	—	—	—	—	—
NAPOLITANA	1	196	242	—	115	150	—	—	—	—	10	65	—	—	—	—
ORIENTAL	1	97	—	—	94	12	8,281	—	—	20	—	11	—	—	—	—
PORTUGUEZAS	4	1,045	326	—	217	30	—	3,410	—	1,851	—	30	—	—	—	—
SARDA	1	147	—	—	—	103	—	—	—	—	180	—	—	—	—	—
SUECAS	3	765	2,920	400	—	27	—	—	—	—	—	—	—	—	1,000	180
Somma	36	9,506	56,708	400	1,178	322	15,519	22,555	300	1,871	734	106	29	420	1,310	180

ENTRARAÕ NA PONTE, NO DIA 9 DE ABRIL, PARA EMBARCAR.

2,838 saccas com café, para differentes portos estrangeiros;
10 barricas tapioca, para o Hâvre;
1 sacco com milho, para dito;
3 jacaz com batatas, para Hamburgo;
105 saccas com arroz, para o Porto.

Fardos, caixões com fazendas, ferragens, pipas e barris com vinho, tudo estrangeiro, e mantimentos, para differentes portos estrangeiros e do imperio.

AVISOS MARITIMOS.

HAVRE. Sahirá impreterivelmente, no dia 15 do corrente, a muito veleira barca franceza *Henriette*; tem muito bons commodos e recebe sómente passageiros. Trata-se na rua da Quitanda n. 63, ou com o capitão J. B. Gossin, a bordo.

GUERNSEY e HAMBURGO. Sahirá com toda a brevidade o muito superior e veleiro bergantim inglez *Rebecca Jane.* Quem nelle quizer ir de passagem, para o que tem excellentes commodos, dirija-se aos consignatarios F. Le Breton e Comp., rua da Alfandega n. 8.

LISBOA. O muito veleiro bergantim *Carlota e Amelia*, novo, da primeira viagem, offerecendo excellentes commodos para passageiros, pretende sahir até o fim do corrente mez, por ter já prompta grande parte do seu carregamento. Para carga ou passagem, trata-se com os consignatarios Domingos Fernandes Alves e Comp., rua de S. Pedro n. 28.

PORTO. Sahirá com muita brevidade a barca portugueza *Orestes*, capitão José Manoel Teixeira; quem quizer carregar, ou ir de passagem, dirija-se a Faria e Irmão, rua dos Pescadores n. 19.

PORTO. Sahirá com muita brevidade o brigue portuguez *Leão*, capitão Ricardo Xavier da Cunha; quem quizer carregar, ou ir de passagem, dirija-se a Faria e Irmão, rua dos Pescadores n. 19.

MONTEVIDÉO. Sahirá impreterivelmente no domingo proximo, 14 do corrente, o bergantim hespanhol *Esperança*, forrado de zinco e superior de véla, o qual recebe carga a modico frete; quem no mesmo quizer carregar dirija-se á rua do Sabão n. 16.

MONTEVIDÉO. O patacho nacional *Constante Amizade* sahe impreterivelmente sabbado 13 do corrente; ainda recebe alguma carga, para o que trata-se na rua dos Ourives n. 122, canto da do Sabão, ou com o capitão Joaquim Pestana Junior, na praça.

RIO GRANDE. Segue com muita brevidade o bem conhecido bergantim nacional *Juno.* Para carga ou passageiros, trata-se na rua do Sabão n. 5, ou na praça com o capitão.

PERNAMBUCO. Segue, no dia 13 do corrente, o bergantim *Santa Maria Boa Sorte*, capitão José Joaquim Dias dos Prazeres. Para carga e passageiros, trata-se com Antonio Ribeiro Barbosa, rua dos Pescadores n. 51.

SANTOS. A sumaca *Feliz Sociedade* sahirá com brevidade. Para carga, na rua Direita n. 123, esquina da dos Pescadores, acharáõ com quem tratar.

CAMPOS. A sahir por estes tres ou quatro dias a sumaca nacional *Constante*; quem nella quizer carregar dirija-se á rua detraz do Carmo n. 37, ou a bordo, a qual se acha fundeada em frente do largo do Paço.

FRETA-SE a sumaca nacional *Sra. da Penha*; quem a pretender fretar dirija-se á rua nova do Ouvidor n. 2.

VENDE-SE o brigue escuna portuguez *Recuperador*, de lote de 120 toneladas, forrado e pregado de cobre, de primeira marcha, com a sua aguada, e proprio para qualquer especulação; quem o pretender dirija-se á rua dos Ourives n. 231; e para o ver, acha-se fundeado no ancoradouro da carga, ao mar do trapiche da Ordem.

VENDE-SE a escuna portugueza *Angerona*, forrada e pregada de cobre, de boa marcha, e em muito bom estado; quem a pretender comprar dirija-se á rua da Quitanda n. 116.

VENDE-SE a barca portugueza *Amelia*, forrada e pregada de cobre; quem a quizer comprar dirija-se á rua de S. Pedro n. 9, que achará com quem tratar.

LEILÕES.

FREDERICO GUILHERME fará leilão, sexta feira 12 do corrente, de huma grande porção de fazendas diversas, constando de seda lavrada, setim, seda para coletes, sarja de seda preta, fita para cinto, dita de garça, meias e luvas de seda, ditas de algodão, pentes diversos para senhora, ricos vestidos de cassa bordados, lenços, chales, fustão para colete, casimira, chitas, morim, riscados, lenços para tabaco, galochas para homens, rendas diversas de algodão, etc., o que tudo será vendido impreterivelmente, por liquidação de contas atrazadas.

Leilão, de ordem e em presença de hum delegado do consulado geral de Portugal, do espolio do finado subdito portuguez José Carneiro dos Santos, capitão da escuna *Hugerona*, quinta feira 11 do corrente, na casa de Frederico Guilherme, rua do Ouvidor n. 84.

Leilão por conta de quem pertencer, de ordem e em presença de hum delegado da chancellaria franceza, de 97 caixas de conservas de sardinhas, no dia quinta feira, em casa de Frederico Guilherme.

Leilão por conta do seguro, de ordem do chanceller da legação franceza, de 300 duzias de lenços encarnados francezes, vindos pelo navio *Courrier de la Seine Inférieure*, chegados com avaria de agua do mar, no dia quinta feira, na casa de Frederico Guilherme.

Leilão de huma propriedade no Engenho Novo.

FREDERICO GUILHERME fará leilão, n'hum destes dias, na sua casa, rua do Ouvidor n. 84, de huma grande chacara com boa casa de vivenda, sita no principio do Engenho Novo, logo abaixo do Pedregulho, em terras proprias, contendo 100 braças quadradas, cercada e plantada, com poço de boa agua, tanto de beber como de lavagem. Quem a pretender póde dirigir-se ao dito lugar, e procurar a chacara que fica fronteira á do Exm. Sr. senador Lima, ou á casa do Sr. João de Jesus, na estrada, para lhe ir mostrar.

N. B. Para mais informações, dirijão-se á casa do annunciante. A dita propriedade não deixa nada a desejar, tanto pelos commodos como pelos recursos, tendo casa muito boa, espaçosa cocheira, cavallariça, commodos para escravos, boa hortaliça, etc.

Leilão de huma propriedade de casas.

FREDERICO GUILHERME fará leilão, quarta feira 17 do corrente, de huma propriedade de casas terreas, de portas e janellas de pedra, bem construida, de paredes mestras, sita na rua de S. Pedro da cidade nova, n. 89. Esta propriedade, propria para huma familia, tem muitos commodos, boa sala com alcova, dita de jantar com dita, cozinha, despensa, quintal fechado com hum portão, e tudo em hum perfeito estado, e sem precisar de nenhum concerto, pagando de foro 3$600 rs. cada anno, e podendo render de 15$000 a 16$000 rs. por mez.

N. B. Quem quizer tratar antes do leilão, póde dirigir-se á casa do annunciante, rua do Ouvidor n. 84; e para examinar, ao inquilino que lá está morando.

Leilão de huma propriedade de casas.

FREDERICO GUILHERME fará leilão, no dia quarta feira 17 do corrente, de huma propriedade de casas de sobrado de grades de ferro, sita na rua do Livramento, travessa da Mangueira, n. 4, com 2 braças de frente e 12 de fundo, em terreno proprio, tendo muito bons commodos, com quintal e poço de boa agua. Quem quizer mais esclarecimentos dirija-se á casa do annunciante, rua do Ouvidor n. 84.

Leilão de huma propriedade no Engenho Novo, com 4 escravos, 1 cavallo, huma junta de bois, e 1 carro.

FREDERICO GUILHERME fará leilão, no dia quarta feira 17 do corrente, na sua casa, rua do Ouvidor n. 84, de huma chacara no Engenho Novo, em terras foreiras, com casa de vivenda, bastante matto, duas covas de carvão promptas a deitar se fogo, com grande plantação de capim e cana, muito café, larangeiras, e muitas outras frutas do paiz. Na mesma occasião vender-se-hão quatro escravos, sendo hum mestre de fazer carvão; hum carro com junta de bois, e hum cavallo, tudo pertencente á mesma propriedade. Quem quizer tratar antes do leilão, póde dirigir-se á casa do annunciante.

Leilão por conta do Sr. Fontaine.

FREDERICO GUILHERME fará leilão, no dia terça feira 16 do corrente, na sua casa, rua do Ouvidor n. 84, por conta do Sr. Fontaine, de huma grande diversidade de joias, bijouterias finas, obras de ouro e de prata, relogios, etc., que seráõ arrematadas impreterivelmente a quem mais der, para liquidação de contas atrazadas. Vender-se-hão tambem diversos escravos de ambos os sexos, igualmente para acabar contas atrazadas.

Leilão no caminho novo de S. Christovão, por causa de sahida para Europa.

FREDERICO GUILHERME fará leilão, n'hum destes dias, no caminho novo de S. Christovão, n. 10, de todos os trastes, quadros, espelhos, carrinhos com arreios, bestas, escravos, etc., pertencentes ao Sr. E. Bernard, que se retira para França.

Leilão de 3 casas, por ordem da administração de huma casa fallida.

FREDERICO GUILHERME fará leilão, em hum dos dias da proxima semana, na praça do Commercio, por ordem da administração da casa fallida de Luiz Botelho de Sampaio, de tres moradinhas de casas com quintal, sitas no morro do Livramento, ns. 41, 43 e 45.

Leilão de folha de Flandres, espingardas reunas, fio de sapateiro, etc., com avaria de agua do mar, por conta do seguro.

BARKER CAMPBELL e GREENWOOD fazem leilão, hoje 10 do corrente, em sua casa n. 24, rua da Alfandega, de 150 caixas de folha de Flandres, 50 ditas de espingardas, e 2 fardos de fio de sapateiro, vindos de Londres pelo brigue *Elisa*; 5 caixas de espingardas vindas tambem de Londres pelo navio *John Blake*, todos com avaria de agua do mar, por conta do seguro, e que seráõ vendidos em presença de hum delegado do consul de S. M. Britannica; tambem se venderáõ algumas ferragens limpas: ás 11 horas em ponto.

Leilão de bacalháo.

BARKER CAMPBELL e GREENWOOD fazem leilão, hoje 10 do corrente, na porta da estiva, ás 10 horas em ponto, de 150 barricas de bacalháo de superior qualidade, por conta de quem pertencer.

Leilão de cabos, moveis, etc.

CANNELL SOUTHAM e C. fazem leilão, hoje quarta feira, na rua do Hospicio n. 11, ás 11 horas, de huma porção de cabos da Russia, por conta de quem pertencerem. Tambem de hum grande sortimento de moveis de mogno, vindos de Hamburgo, a saber: mesas elasticas de mogno, toucadores, commodas, secretarias, mesinhas, consolos, cadeiras de braços, diversos moveis em meio uso, mobilias de jacaranda, etc., etc. Tambem de huma vacca tourina, prenhe ha seis mezes; huma preta cozinheira, que sabe coser perfeitamente, ensaboar, etc.; barricas de bolachinha, etc., etc.

Leilão de trastes, fazendas, louça, obras de prata e ouro, cavallos, e outros artigos.

A. LAWRIE e C. faráõ leilão, amanhã quinta feira 11 do corrente, no seu armazem, rua Direita n. 6, de huma porção de trastes pertencentes a huma pessoa que se retira; fazendas de varias qualidades, obras de prata, ouro e brilhantes; relogios de algibeira, quadros com molduras douradas, livros, louça, chapéos para homem, selins, cavallos, e outros artigos. A's 10 1/2 horas.

ANNUNCIOS.

— O CAPITÃO da 4.ª companhia do 1.° batalhão de guardas nacionaes desta côrte roga ao Sr. capitão Antonio José dos Santos Porto, thesoureiro da caixa do mesmo batalhão, queira explicar o seu annuncio do jornal de 8 do corrente: se o alcance em que se acha a 4.ª companhia, de 64$, he ao Sr. thesoureiro ou se ao annunciante, capitão da mesma; porque, pelo dito annuncio, se póde entender que o alcance he ao Sr. thesoureiro, quando, pelo contrario, he ao annunciante. — *Luiz Manoel de Oliveira Machado.*

— PUBLICOU-SE a *Aurora Fluminense*, contendo o seguinte: — O estado dos partidos na assembléa provincial de S. Paulo — Reflexões sobre a cessação da crise do *Ceará* — As instrucções do ministro da fazen-

---

nuir a fortuna de seu irmão? e quando rumores se espalhavão já de que, com effeito, Alzira não tinha que louvar-se delle? Hum partido era necessario tomar que, por huma vez, cortasse semelhantes relações; ordens forão dadas para que a sua porta se não abrisse a Narciso.

Este, ignorando tudo, apresentou-se a querer fallar com Alzira: a entrada lhe foi negada. Admirado por extremo, quiz saber por ordem de quem: a verdade lhe foi dita.

— Por ordem de Guilherme?

— Sim, senhor.

— E teve elle a ousadia de me fazer fechar a sua porta?

— Elle o mandou, senhor.

— Estouvado mancebo! He necessario que eu entre: devo fallar com a senhora.

— He impossivel consenti-lo.

— Está elle em casa?

— Sim, senhor.

— Ide chama-lo.

Guilherme appareceu.

— He certo que me fizestes fechar a vossa porta?

— He certo; e devo annunciar-vos que nunca mais vos será franqueada.

— Estimo a vossa franqueza; he de militar. E poderei saber as razões?

— Na minha casa faço o que me parece, e não dou satisfações a alguem.

— Assim deve ser; mas, nesta casa mora tambem Alzira; ella vos não está sujeita; he a ella, e não a vós, que eu procuro, e creio que ella me não prohibio a entrada.

Guilherme se tornou pallido de colera.

— He exactamente porque procurais minha irmã e não a mim, que vos tenho feito prohibir a entrada. Vossas relações com ella me desagradão, e julgo dever fazê-las cessar.

— E vosso procedimento para com ella he o de hum barbaro, tambem julgo que o devo fazer cessar. Ella deve ser minha esposa.

— Quaesquer que sejão os vossos projectos, quem vos deu o direito de reprehender-me?

— Quem? as vossas acções. Se tivesseis tratado de outra sorte huma mulher que se tem sujeitado a viver solteira, só para vos assegurar a fortuna que de seus pais lhe pertenceu, talvez ella me não fizesse queixas, talvez este casamento não tivesse lugar; mas, o vosso viver reprehensivel he, talvez, a causa principal do passo que vamos dar.

— A minha paciencia vai-se esgotando. Ainda até hoje de ninguem ouvi palavras semelhantes! Retirai-vos, senhor.

— Eu não me retiro; quero fallar a Alzira; quero entrar.

— Senhor, vós me quereis fazer chegar aos ultimos extremos! Quereis que use de violencia?

— De violencia! vós para comigo! Oh meu Deos! perdoai-lhe: elle não sabe o que diz. Franqueai-me esta porta.

— E porque não usarei de violencia para comvosco? Não necessitarei de implorar auxilio: meu braço será bastante forte.

— Imprudente! calai-vos. Franqueai-me esta porta: quero fallar á minha esposa.

— Já vo lo disse; esta porta vos não será franqueada; minha irmã ainda não he vossa esposa: quando o fôr, tratareis com ella, não aqui, mas no lugar para onde a levardes.

— Bem, eu não venho preparado: esperai-me aqui mesmo; dentro de meia hora serei comvosco.

Narciso se retirou; Guilherme se pôz a rir.

— Que quererá dizer? Pretenderá bater-se comigo! Mas, aqui mesmo em casa não parece crivel. O velho perdeu o juizo... ou antes quiz ver se me aterrava... Não, elle não vem mais, posso estar seguro. Demoremo-nos porém a meia hora, e vejamos em que isto dá.

Narciso voltou ainda antes de passada a meia hora, e fez-se annunciar a Guilherme, que não pouco se admirou de tão prompta volta, e o fez introduzir. Narciso se sentou sem ceremonia, e fez sentar a Guilherme, como se estivesse em sua casa.

— Então, tendes pensado?

— Pensado em que?

— Já estais resolvido a deixar-me casar com Alzira?

— Eu não embaraço o vosso casamento: não quero que continueis a entrar nesta casa.

— Mancebo, vede o que fazeis: com huma só palavra posso fazer-vos mudar de resolução.

— Nem com palavras, nem com acções.

— Imprudente! olhai que he hum segredo de que depende vosso estado e fortuna.

— Não posso deixar de rir-me dos medos que quereis metter-me. Pensei que vinheis para acções, e não para palavras.

— Para acções venho. Mas de que acções fallais?

— Pensei que iamos decidir nossa contenda com as armas: vosso ar, quando sahistes, presagiava grandes cousas; mas vejo que pensastes melhor, e que quereis concluir tudo em palavriado.

— Hum desafio! As leis o prohibem.

— He a desculpa dos cobardes, das almas vis.

— Guilherme! não me insultes.

— Não vos insulto, digo-vos as verdades.

— He bem certo que a natureza nem sempre falla!! Guilherme, olha para mim; não te diz nada o teu coração?

— O meu coração diz-me que fallo com hum aventureiro, que veio do fundo da Asia para illudir minha irmã, e que agora busca cobrir sua infamia com hum milhar de rodeios.

— E quanto me custa desengana-lo! quanto me custa descobrir este segredo fatal! tornar talvez menos puro a seus olhos aquelle anjo de candura!.... Ainda huma vez: tua fortuna, teu estado depende de huma só palavra minha: não me obrigues a pronuncia-la.

— Ainda huma vez, não a receio; Já vo-lo disse: peço-vos que a pronuncieis; quero ouvir essa palavra magica que, igual aos sons do corno de Oberon, me deve confundir.

— Guilherme!... Guilherme!... es meu filho.

— Eu vosso filho!... vosso filho! eu!... não pode ser: não. Foi minha mãi muito virtuosa, e meu pai mui delicado em pontos de honra, para que ella fosse capaz de huma fraqueza. Vosso filho!... não póde ser... Vosso casamento com minha irmã seria hum incesto. Vosso filho!... e pensaveis que assim acreditaria semelhante embuste? Dar-me heis satisfação pela deshonra que assim quereis fazer pesar em huma familia inteira.

— Guilherme! não me obrigues a pronunciar o resto: não me obrigues a mostrar-te provas, que eu queria que fossem por ti sempre ignoradas.

— Provas! ah! sim, eu as quero: eu quero provas. Hum labéo foi por vós lançado sobre a melhor das mãis, sobre a mais virtuosa das mulheres. Oh! eu quero provas, eu as exijo.

— Guilherme: ainda t'o repito, desiste dos teus intentos.

— Não, não posso: minha mãi se acha infamada: obrigar-vos-hei a justifica-la.

— Tua mãi! e sabes quem he tua mãi?

— Quem he minha mãi?... Pois tambem póde haver duvidas a esse respeito?

— Sabes que Alzira he tua mãi?

— Alzira!... Alzira!... não póde ser.

— Examina estes papeis: vê estas declarações em forma por tua avó, pelo vigario, e pelos professores, que assistirão ao parto de Alzira. Alzira he tua mãi, e eu sou teu pai. Toda a tua fortuna he de Alzira. Tu nem nome tens ainda, e de minha vontade depende dar-t'o.

— Alzira minha mãi!... elle meu pai!...

— Quiz occultar-te tudo, para que ignorasses o meu crime: obrigaste-me a revelar tudo. Agora te sujeitarás ás consequencias da tua imprudencia.

De mim dependia agora fazer acabar tudo isto tragicamente: bastava mover o orgulho e irascibilidade do rapaz, e faze-lo suicidar-se. Poderia descrever o suicidio á minha vontade, e mostrar depois o corpo do infeliz feito em pedaços, nadando em seu proprio sangue, e as lagrimas e desesperação da mãi e do pai. Mas, para que, se tudo isto não foi assim? Verdade primeiro que tudo.

Guilherme recebeu a noticia com a maior tristeza, mas em poucos dias se costumou a sua nova sorte. Alzira e Narciso se casárão, e o legitimérão nesse acto; e acabou-se a historia. *P. E.*